Processo colaborativo: O papel do artista dentro do espetáculo Que bicho é esse?

Marcos Bruno da Cunha Silva[1], Lourdes Macena[2]

[1]Parte do TCC do graduando do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará em Licenciatura em Teatro – IFCE. Email: marcosbrunocs@hotmail.com
[2]Doutoranda e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará em Licenciatura em Teatro – IFCE. Email: lourdesmacenacnf@gmail.com

Resumo: O artigo pretende discutir qual o verdadeiro papel do artista dentro do *processo colaborativo* com base na peça de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal do Ceará (IFCE), cujo nome é *Que bicho é esse?*. Comentando sobre os fundamentos da dinâmica colaborativa, relacionando-os ao processo de montagem do espetáculo. Utilizamos como metodologia de estudos bibliográficos, registro no caderno de campo do processo prático, onde utilizamos também observação participante.

Palavras–chave: Processo Colaborativo, papel do artista, montagem

1.INTRODUÇÃO

O *processo colaborativo*, diferentemente do processo coletivo, possui suas funções artísticas muito bem definidas. Existe a figura do ator, do diretor, do dramaturgo, do cenógrafo e do iluminador, não havendo uma diluição dessas funções como muitos imaginam, elas existem e tem suas especificidades. Mas ao contrário de um processo tradicional, onde as demarcações estão muito bem definidas, no *processo colaborativo* tais funções se complementam, se justapõem, dialogam entre si, com o fim de se criar uma obra que pertença a todos, e não apenas ao dramaturgo ou ao diretor. Num processo desse tipo todos são autores da obra final, não só pela amarração artística dentro de cada especificidade, mais porque desempenham suas funções específicas, propondo, abraçando, questionando e ouvindo sugestões dos outros colegas, sem pré-julgamentos, sem ressalvas, deixando-se ser afetados pelas ideias do coletivo e apropriando-se do discurso cênico como um todo, sempre com um olhar crítico. Apresentando ao público o resultado de um processo no qual todos tiveram participação ativa e fundamental para que tudo ocorresse bem.

As questões seguintes nortearam esse trabalho: Como ocorre a aplicação do *processo colaborativo* na prática? Como se estabelece as relações dentro de um coletivo que vive essa dinâmica de grupo? Quais os limites que cada artista deve obedecer? Essas perguntas foram bastante pertinentes para o direcionamento desse artigo e para compreender o *processo colaborativo* dentro do espetáculo *Que bicho é esse?*, próximo espetáculo de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará (IFCE).

2.MATERIAL E MÉTODOS

O *processo colaborativo*, utilizado para o levantamento do espetáculo teatral *Que bicho é esse?*, norteou todos os estudos do coletivo e determinou as escolhas metodológicas. Tal dinâmica visa um artista ativo, que tenha compreensão da peça por inteiro, deixando de se preocupar, exclusivamente, com a execução magnífica de sua função, tornando-se mais sensível e mais orgânico ao discurso global da obra. Assim sendo, resolvemos investigar a aplicação dessa dinâmica dentro do espetáculo em questão, observando como cada artista desenvolvia sua função, diante desse novo método de criação, e como se dava as relações dentro desse grupo. Para isso, utilizamos o método científico Hipotético-dedutivo, que formula hipóteses para determinado problema e as verifica continuamente objetivando definir sua validade na explicação de tal dificuldade, com a finalidade de precisar teorias prévias em função de novos conhecimentos, adquiridos durante todo o processo de montagem do espetáculo, confirmamos todo o potencial dessa prática contemporânea e descobrimos, dentro da nossa montagem, qual o verdadeiro papel de cada integrante dentro desse coletivo, estabelecendo os direitos

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

e deveres de cada um. Outro instrumento de pesquisa utilizado foi a observação participante, cuja técnica favoreceu partilha, cumplicidade e participação nas diversificadas ações experimentadas em busca de respostas as indagações observadas. As entrevistas foram substituídas por um diálogo em grupo ao final de cada encontro tendo uma síntese de cada momento registrado no caderno de campo.

O cruzamento dos dados levantados no referencial teórico e as práticas em grupo possibilitaram conclusões parciais que apresentamos nesse trabalho.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *processo colaborativo*, como o próprio nome diz, tem como característica principal a cooperação. Os artistas envolvidos devem estabelecer relações ativas, de proposições e escutas, de abdicações e apropriações. Valorizando os diálogos, as discussões, os embates intelectuais e, sobretudo, as experimentações. Nunca discussões desnecessárias devem ser mais importantes que os experimentos. Dentro dessa dinâmica é muito importante praticar o desapego e nunca ser passivo diante do que está acontecendo. Aqui é necessário um novo ator, um novo dramaturgo e um novo diretor. Mirian Rinaldi[1] afirma:

> "[...] a autoria no processo colaborativo não está relacionado apenas à gênese dos materiais, mais à forma como eles se processam e se transformam. No contínuo jogo de dar e receber que acontece entre os atores, existe um operação autoral de apropriação. Se por um lado esse processo exige desapego do autor – postura inerente a todos os artistas em processo colaborativo -, que deve aceitar o corte da cena bem escrita ou mesmo da personagem não realizada, por outro deve ter disponibilidade de fazer a ideia do outro sua própria. A generosidade é imprescindível em qualquer posição que se ocupe." (RINALDI, 2012).

Dessa forma, fica claro que a generosidade é determinante dentro dessa dinâmica e que as funções tomam novas dimensões. Não cabe mais ao ator apenas a arte de interpretar, não cabe mais ao dramaturgo apenas a arte de criar a dramaturgia do espetáculo, como também não cabe ao diretor apenas a função de dirigir a peça. É imprescindível que as fronteiras que separam esses artistas tornem-se cada vez mais permeáveis e que as hierarquias exageradas sejam erradicadas, podendo existir apenas em momentos ímpares, quando forem realmente necessárias. Dentro dessa dinâmica, as segmentações demasiadas das funções artísticas não são tão interessantes, nesse processo todos são autores e responsáveis pela obra final, no bom e no mau sentido, cabendo ao dramaturgo, por exemplo, a tarefa de reunir todo o material produzido na fase de pré-espetáculo, pelos diversos autores, filtrando o que de fato estará no texto final, devendo ter plena decisão de suas escolhas e ciente que poderá reescrever quantas vezes for necessário, de acordo com as sugestões do coletivo. Já o diretor, não terá mais uma postura ditatorial, embora ainda seja responsável por definir questões prioritárias do espetáculo, que já foram analisadas e experimentadas pelo grupo. Pertence a ele o poder de estruturar o espetáculo de acordo com suas referências, as dos demais integrantes e os desejos do grupo. Antônio Araújo diz:

> "Tal dinâmica, se fôssemos defini-la sucintamente, constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias – ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos" (ARAÚJO, 2012).

Enfatizando a importância de quebrar de vez com a ideia de um processo regido por um diretor ditador e composto por atores operários. Salientando a cooperação de todos os integrantes para com o

[1] Atriz do Teatro da Vertigem e professora do curso de artes do Corpo da PUC-SP e mestranda do PPG em Artes Cênicas da ECA-USP.

processo e descartando definitivamente a ideia do fazer teatral tradicional, onde uns mandam e outros obedecem.

Diferentemente de um processo tradicional, aonde as funções artísticas têm seus espaços muito bem demarcados, no *processo colaborativo* tais limites são bem mais frágeis, possibilitando ambientes de discursões e crescimento artístico. Além disso, tais papéis se confrontam e se justapõem com a finalidade de se criar um espetáculo que pertença a todos, sem exceções. Dessa forma, todos se tornam autores e senhores da obra final, fazendo com que aquele produto seja único e que só tenha se tornado possível por que foi composto por aquele coletivo, com aquelas particularidades e com aqueles desejos. No entanto é importante ressaltar que dentro desse tipo de processo as funções específicas continuam existindo e suas aplicações na prática devem ser muito bem desempenhadas por todos os componentes, com maturidade e responsabilidade, para que elas possam interferir diretamente nas outras funções, sem causar constrangimentos e nem desconfortos, propondo e questionando o fazer artístico como um todo. Ricardo Carvalho de Figueiredo aponta:

> "Vale ressaltar que é importante para esse tipo de trabalho a ação polifônica dos criadores, pois, trabalhando em suas respectivas áreas, dialogam e incorporam as diversas vozes dos criadores às suas respectivas funções. Por exemplo: o iluminador possui uma proposta para determinada cena, apresenta-a. Lê o que resultou da sua proposta inicial com as demais influências (vozes): a interferência dos atores com a proposta da luz, como o cenário repercute determinada ação sobre a iluminação etc. e, dessa forma, o iluminador elabora uma forma de, mantendo suas proposições, incorporar as diversas vozes que ali se presentificam." (FIGUEIREDO, 2012, pag.2).

Nessa metodologia de trabalho a autoria do espetáculo está localizada numa zona de fronteira, tensa e delicada, que precisa dar ouvido as necessidades do coletivo e paralelamente dar importância as colocações individuais dos agentes que compõem o grupo. E ao mesmo tempo em que todos propõem e são autores da obra final, é de responsabilidade do diretor toda a estruturação do espetáculo, do dramaturgo, a organização e a administração do material potente que de fato fará parte do texto final e do ator todas as proposições que darão forma a obra artística final. Fazendo-se indispensável à generosidade e o respeito para que tudo flua da melhor forma possível.

É de suma importância incentivar a participação de todos, não apenas na produção material do espetáculo, mais fomentar em todos os integrantes o interesse pela pesquisa intelectual, pela definição da concepção cênica, pelo estudo das temáticas que irão ser abordados na peça, por debates ideológicos críticos e pela produção intelectiva como um todo. Não convém, estritamente, o artista-executor de materiais brutos para a construção do espetáculo, é fundamental, que essa característica executora, de caráter mais prático, esteja aliada ao pensar artístico. Não combina com o *processo colaborativo* atores que não estejam inseridos de corpo inteiro no projeto. Assim como é repudiado aquele ator que se preocupa apenas com a execução magnânima de sua personagem e que está totalmente afastado do discurso geral da peça. Tais características assemelham-se com dinâmicas mais convencionais, transformando-se em empecilho se forem executadas dentro desse processo mais moderno. Mas, felizmente, esses predicados não estão fazendo parte do processo de montagem do infantil *Que bicho é esse?* Que conta com a participação efetiva de todos. Mas antes de discorrer sobre o produto final, é importante entender como o processo teve início e como ele está tomando forma com o passar do tempo.

A pesquisa iniciou durante a disciplina de Pré-montagem, coordenada pela professora Helô Sales[2]. Nesse período, ainda sem total compreensão do que seria de fato o processo colaborativo a turma decidiu, com o consentimento da professora, tomar pra si as responsabilidades de administrar o processo. Tal eleição, de imediato, causou certa insegurança, devido sua ousadia, tanto no que diz

[2] Mestre da Ciência em Educação, arte-educadora, diretora de teatro, atriz, cantora e uma das fundadoras do grupo Expressões Humanas de Teatro.

respeito à metodologia escolhida para a concretização da montagem do espetáculo, tanto no que diz respeito à linguagem desejada, inédita dentro do curso. Mais essa insegurança, com o tempo, foi sendo deixada de lado. O novo já não assustava tanto. A turma passou a ter mais confiança nela mesma e no solo em que estava pisando.

Para isso, a turma participou de oficinas, idealizadas por ela, e ministradas por integrantes de grandes grupos teatrais, respeitados e admirados pela cena teatral cearense, como por exemplo, *Teatro Máquina* e *Expressões Humanas*, que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências nos processos de montagem das peças *João Botão* e *Dom Poder e a revolta da natureza*, respectivamente. Além dessas oficinas, a turma elaborava aulas, calcadas em conteúdos que seriam de grande valia para o crescimento artístico dela mesma e do processo como um todo, sempre focados na temática infantil. E por fim, também participou de exercícios de improvisação, focalizados na polivalência dos temas que julgava importantes estarem presentes dentro da atmosfera da peça. Esses exercícios eram filmados e ministrados pelo Eduardo Bruno, aluno da disciplina e participante do processo. Desses improvisos nasceram várias cenas atraentes, tanto no que diz respeito à estética, tanto no que diz respeito ao discurso. Após alguns diálogos, encontrou-se um senso de quais cenas seriam enviadas ao dramaturgo convidado, Evil Rebouças[3], que se encarregou pela produção do texto. Portanto, as cenas serviriam de inspiração para a criação dessa dramaturgia em processo. Saindo da pré-montagem com um saldo positivo.

Na segunda fase do projeto, decisivo para o seu sucesso, é de grande importância a objetividade e o compromisso com o processo, já que a turma conta apenas com quatro meses para a montagem da peça. Assim como é primordial saber de fato o que é o *processo colaborativo*, tomando consciência das funções e dos deveres que cada indivíduo deve seguir. Evitando colocações inúteis, posicionamentos equivocados, brigas sem sentido e o mais grave, a diluição do processo. Aqui é importante o estudo teórico, para evitar que as proposições sejam apenas de cunho material para a criação da cena.

Logo no início da disciplina de montagem de espetáculo, todos receberam os textos finais que iriam dar cor, futuramente, a obra final. O nome escolhido pelo autor foi *Que bicho é esse?* Que muito agradou a turma. Todos fizeram uma primeira leitura, que para a felicidade geral, superou todas as expectativas. Algumas identificações logo surgiram, coincidências nas escolhas dos personagens também apareceram e algumas colocações pertinentes, em relação ao desfecho da peça, foram apresentadas aos demais. Por causa do imediatismo, causado pela falta de tempo, partiram para a solução desses problemas. Os atores que tinham escolhido o mesmo personagem se experimentaram fazendo-o, e após muitas observações o coletivo decidiu quem faria o que, sempre pensando no bem do projeto. Já em relação ao texto, a turma conseguiu o apoio do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará (IFCE), para trazer à Fortaleza, Evil Rebouças, para que juntamente com o coletivo, fizessem um estudo prático-teórico do texto, para redefinir algumas questões importantes, que estavam incomodando o grupo. E assim foi feito, algumas alterações foram realizadas, outros questionamentos surgiram na hora do estudo, mais que foram rapidamente resolvidos. Ideias maravilhosas para composição dos personagens e da encenação brotaram, algumas perguntas ficaram no ar, para serem solucionadas durante as experimentações. Sem dúvida, foi um momento único e fundamental para a construção da peça *Que bicho é esse?* Que está apenas no começo.

Mas é claro, que durante esses períodos, nem sempre a convivência foi harmônica. É muito complicado trabalhar com pessoas por obrigação e que ainda não possuem maturidade suficiente para darem sustentação a tal dinâmica de grupo, haja vista que o coletivo é formando por atores novos e que possuem desejos muito particulares. Afinal, estão iminentes de sua formação acadêmica e, com certeza, depois de quatro anos de estudos, já sabem, ou pelo menos imaginam o que querem após a

[3] Dramaturgo, ator, director, pesquisador e professor de Artes Cênicas, Licenciado e Mestre em artes cênicas pelo Instituto de Artes da UNESP e atualmente é professor de encenação no curso de pós-graduação da FAINC – Faculdade Integrada Coração de Jesus, em São Paulo.

formação, que linguagem se identificam mais, com quem querem trabalhar... Mais que por causa de uma disciplina, determinante em sua graduação, devem trabalhar juntos. Portanto, se não houver diálogo entre todos os integrantes, respeitando a opinião do outro, sendo generoso ao projeto, o *processo colaborativo*, que é uma dinâmica tão potente artisticamente, pode vir a se tornar um pesadelo.

4.CONCLUSÕES

A experimentação, dentro dessa prática contemporânea, é muito bem vinda. Nesse processo não se trabalha com fórmulas prontas ou metodologias cristalizadas. Como o próprio nome diz tudo é processo, desde a elaboração do texto até a encenação final. Aqui é necessário que haja um novo ator, um novo diretor, um novo dramaturgo, capazes de dialogar e criar juntos, de perceberem o espetáculo por inteiro, de compreenderem o texto em toda a sua complexidade e de saírem de suas redomas para o fortalecimento do processo.

A experimentação amplia o olhar do artista, passando este a dialogar diretamente com as outras áreas, além de fazer com que o artista faça propostas aos outros criadores também. Essa postura dialógica possibilita ao criador compreender a atividade teatral de maneira orgânica, pensada e construída a várias mãos e vozes. Criar, recriar, modificar-se perante o outro, olhar por um novo ângulo. Portanto, a colaboração e a interdisciplinaridade vêm contribuir nesse ponto com o teatro e, consequentemente, com o sujeito que ali se transforma.

É necessário para o ator, compreender o discurso global da peça, para que ele seja mais poroso ao seu fazer artístico, compreendendo de fato, o espetáculo por inteiro. Tornando-se orgânico e verdadeiro quando estiver em cena. Jogando pra valer com os outros atores, com o cenário, com o figurino, com a plateia, evitando interpretações superficiais e sem força cênica. Entregando-se ao seu fazer artístico, como toda sua força.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. 2012. In: http://revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/viewFile/174/172 acessado em: 03/07/2012.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho. Teatro de Grupo: A colaboração e a interdisciplinaridade nos coletivos. In: IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas – UFMG, S/D. p.2.

RINALDI, Miriam. O ator no processo colaborativo no Teatro da Vertigem. In: http://www.revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta/article/viewFile/175/173 acessado em: 03/07/2012

VII CONNEPI
Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação
PALMAS . TOCANTINS . 2012
19 a 21 de outubro - Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional